

**UKUSE - BAHSE MERISE – DIÁLOGOS – ARTE E BAHSESÉ: EXPERIÊNCIA E  
FORMAÇÃO JUNTO AO CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA**

**UKUSE - BAHSE MERISE - DIALOGUES - ART AND BAHSESÉ: EXPERIENCE  
AND TRAINING AT THE INDIGENOUS MEDICINE CENTER**

Luiz Davi Vieira Gonçalves<sup>1</sup>

Jeferson Bastos de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo é fruto de uma experiência de dois anos vivenciando, no Centro de Medicina Indígena, da cidade de Manaus, projetos e atividades de cunho artísticos, sociais e culturais através da parceria deste com o Diretório de Pesquisa Tabihuni (UEA/CNPq). Fundamentados no Estudos da Performance, sobretudo os de Antropologia da Performance, entendemos que este estudo, por estar apoiado nas experiências, atravessa diferentes campos do saber: adentra a Antropologia, por meio dos intelectuais indígenas do Alto Rio Negro, e a Performance, com base nos estudos das corporalidades ameríndias e da arte. As experiências destacadas neste ensaio fazem parte do âmbito das imaterialidades influenciadas pelas cosmologias e cosmogonias dos povos indígenas do Alto Rio Negro. Em uma relação recíproca e afetiva com os indígenas que estão à frente do *Bahserikowi* que a experiência e a formação se transformaram em corpo.

**Palavras-Chave:** *Bahserikowi*; *Ukuse*; Experiência; Formação; Performance.

**Abstract:** This article is the result of a two-year experience at the Indigenous Medicine Center in the city of Manaus, engaging in artistic, social, and cultural projects and activities through a partnership with the Tabihuni Research Directory (UEA/CNPq). Based on Performance Studies, particularly Performance Anthropology, we understand that this study, being grounded in experiences, crosses different fields of

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do curso de Teatro e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH da Universidade do Estado do Amazonas. Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas. Coordenador do Instituto de Pesquisa Tabihuni e Pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Brasil Plural – IBP.

<sup>2</sup> Doutorando em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP), Membro do Diretório de Pesquisa Tabihuni (UEA/CNPq).

knowledge: it delves into Anthropology through the indigenous intellectuals of the Upper Rio Negro and Performance, drawing on studies of Amerindian corporealities and art. The experiences highlighted in this essay are part of the immaterialities influenced by the cosmologies and cosmogonies of the indigenous peoples of the Upper Rio Negro. In a reciprocal and affectionate relationship with the indigenous people leading *Bahserikowi*, the experience and training transformed into a body.

**Keywords:** *Bahserikowi*; *Ukuse*; Experience; Training; Performance.

O *Bahserikowi* – Centro de Medicina Indígena – está localizado em contexto urbano, no centro da cidade de Manaus; é um lugar especial de prática do *bahsese* – “benzimento” em tradução para o português feita pelos próprios indígenas –, onde estão em ação as concepções *Yepamahsã* (Tukano) de cuidado do corpo. O atendimento no *Bahserikowi* se dá por meio de um encontro que o paciente realiza com o *kumu* – especialista na prática do *bahsese* – para estabelecer um primeiro contato e diagnóstico da possível doença que esteja afligindo o paciente e, assim, o especialista saberá qual tipo de *bahsese* realizará. Esse atendimento pode acontecer esporadicamente ou em apenas uma sessão, tudo dependerá do problema que aflige o paciente.

Além do atendimento de *bahsese*, o Centro de Medicina Indígena dispõe de uma pequena feira de produção de artesanato, objetos da cultura *Yepamahsã* e produtos medicinais, como óleos, ervas e perfumes produzidos pelos próprios indígenas que lá atuam ou por outros povos que mantêm relação com o *Bahserikowi*. Logo na entrada, estão expostos o calendário das constelações do povo *Yepamahsã* e uma faixa de tecido com grafismos, buscando destacar um pouco da arte indígena e de suas identificações internas. Os coordenadores estão sempre presentes e fazem questão de compartilhar o conhecimento com os visitantes, seja sobre a explicação da prática do *bahsese*, seja sobre a produção do artesanato, dos objetos e produtos disponíveis, seja sobre os significados dos grafismos expostos e do calendário das constelações.

A constituição e circulação dos conhecimentos *Yepamahsã*, que são os mais utilizados no Centro de Medicina Indígena, sinalizam que as teorias e as práticas indígenas se expressam de modo coeso e articulado, mostrando-se como um campo bastante amplo e complexo, no que se refere às explicações sobre a perspectiva cosmológica desse povo. Nesse sentido, o triângulo conceitual *kihti-bahsese-bahsamori* forma o conjunto das teorias *Yepamahsã* e esboça os princípios de uma epistemologia tukano, em que cada ponta desse triângulo se decompõe ou se ramifica numa infinidade de conexões e inter-relações. Além dessa tríade, também existe o conceito e sentido de *ukūse*, que aparece como um quarto elemento, que sustenta e conecta todo esse triângulo conceitual.

O conceito de *kihti*, quando referido isoladamente, pode reportar-se tanto à explanação de um acontecimento histórico quanto a uma fofoca, por assim dizer; porém, quando *kihti* vem acompanhado de *ukūse* (*kihti-ukūse*) significa que se está

tratando de uma narrativa mítica, da origem dos seres mais que humanos, das experiências e práticas. O *bahsese*, por sua vez, é um conjunto de palavras de poder que agenciam os campos da proteção, da cura e da destruição, bem como proporciona uma comunicação direta com os *waimahsã*. Por fim, o *bahsamori* refere-se às principais atividades, festas e rituais realizados de acordo com as constelações e estações, por meio das quais os *Yepamahsã* orientam-se no seu cotidiano. São nessas atividades, festas e rituais que se utilizam instrumentos, utensílios, bebidas, e se realizam músicas e danças para as comemorações.

*Bahserikowi* tem um significado muito profundo para os *Yepamahsã*, porque está relacionado à morada de seres mais que humanos, tais como *Buhpo*, *Yepa oãku*, *Yepalio*, e de todos os outros seres que se incumbiram da organização do cosmo. O triângulo conceitual *kihti-bahsese-bahsamori* é a base para entender o conjunto das teorias tukano e o *bahserikowi* é o lugar onde esses conhecimentos são agenciados e dinamizados. Como observa Barreto (2021, p. 152), o *bahserikowi* é um lugar “de proteção e da promoção de harmonia, o lugar de inspiração de vida, lugar de cuidado das pessoas, de conexão cósmica, de relações e articulações cosmopolíticas”.

Entre 2021 e 2022, integrei projetos por meio da parceria entre o *Baserikowi* – Centro de Medicina Indígena da Cidade de Manaus – e o Diretório de Pesquisa Tabihuni (UEA/CNPq). A parceria entre Tabihuni e *Baserikowi* existe desde 2020, inicialmente implementada pelo projeto “Arte e *Bahsese*: Um diálogo sensível em tempos de cura”; nele, seis diferentes temas foram abordados em sua programação<sup>3</sup> e divididos entre os indígenas que atuam no *Baserikowi* e os não indígenas pesquisadores do Tabihuni. Além da parceria com o Centro de Medicina Indígena, o Diretório de Pesquisa Tabihuni mantém parcerias e realiza projetos com outras instituições indígenas da cidade de Manaus.

Em 2021, com a intenção de dar continuidade ao projeto “Arte e *Bahsese*” e à parceria com o *Baserikowi*, a equipe do Tabihuni decide realizar encontros semanais para conversar com os próprios indígenas que atuam no *Baserikowi*. Esses encontros foram de suma importância para nós, artistas-pesquisadores, pois tivemos a oportunidade de ouvir, sentir e vivenciar com o próprio corpo e espírito os conhecimentos que compõem as corporalidades ameríndias, sobretudo dos povos indígenas do Alto Rio Negro/AM.

As primeiras conversas e diálogos se deram com o Dr. João Paulo Lima Barreto, que constantemente nos chamava atenção para os aspectos cosmológicos da circulação e constituição dos conhecimentos *Yepamahsã* (tukano) e posteriormente com os outros indígenas do *Bahserikowi*. Desse modo, por meio de uma relação afetiva, *kõkamõu* (Gonçalves, 2018), juntos(as) percebemos que nos ajudariam a caminhar com esse novo projeto as conversas e os diálogos com os próprios indígenas que atuam e estão à frente do Centro de Medicina Indígena, a saber, os tukanos João Paulo Lima Barreto e Ivan Lima Barreto, os especialistas tukanos Anacleto Barreto e Ovidio Barreto; os dessanas Carla Wihsu e seu pai, o especialista Durvalino Kisibi, todos vindos da região do Alto Rio Negro.

---

<sup>3</sup> Disponível no Canal do YouTube do Tabihuni: <https://www.youtube.com/watch?v=F-P9jicFMRg>.

A cada novo encontro, sempre havia uma nova história de vida contada por algum deles, fosse sobre a cosmologia *Yepamahsã*, *Dessana*, ou sobre fatos e vivências do cotidiano. Por exemplo, o dia em que Ivan Barreto nos contou sobre as qualidades de animais que alguns indígenas do Alto Rio Negro adquirem ou “invocam” em seus corpos na hora de jogar futebol. Foi por intermédio das constantes histórias narradas por essas pessoas e pelas leituras e discussões coletivas sobre o triângulo conceitual *kihti-bahsese-bahsamori*, através da obra *Omerõ – Constituição e Circulação de Conhecimentos Yepamahsã (tukano)*, que iniciamos a compreensão das cosmologias e conhecimentos, sobretudo, dos *Yepamahsã*.

Assim, fomos compondo o “roteiro” da nossa performance-ritual *UKUSE: bahse merise* – Diálogos: arte e *bahsesé*, com as narrativas e histórias de Carla Wihsu, Ivan Barreto, Anacleto Barreto e Durvalino Kisibi; os relatos dos artistas-pesquisadores do Tabihuni com a prática do *bahsese* e de outras medicinas tradicionais; bem como os relatos dos indígenas mencionados a respeito do *bahsese*.

Para Carla Wihsu, o *bahsese* é uma prática de benzimento de “um corpo que cuida de outro corpo”. Desse modo, a performance-ritual *UKUSE: bahse merise* – Diálogos: arte e *bahsese* foi construída buscando elencar as narrativas dos indígenas que estão à frente do *Bahserikowi*, bem como foram esses mesmos colegas indígenas que conduziram todas as partes da performance.

Os Estudos da Performance abrangem uma diversidade de paradigmas analíticos: Performance-art; Performances Culturais; Antropologia da Performance e Performance-Ritual. Diante do leque de possibilidades proporcionado por estudos que permitem ampliar o se entende por “produção de conhecimento”, pode-se estabelecer cruzamentos multidisciplinares, unindo vários campos e saberes. A linha da antropologia da performance foi a vertente com a qual mantive mais relação durante o desenvolvimento de minha pesquisa no mestrado. Cabe ressaltar que alguns temas explorados na minha pesquisa e também na performance-ritual *UKUSE: bahse merise* perpassam outras vertentes dos Estudos da Performance. É através da Performance-art, por exemplo, que buscamos “traduzir” as nossas imaterialidades e experiências que tocam o lado sensível da espiritualidade. Por ter esse caráter interdisciplinar é que esta pesquisa se pauta na perspectiva epistemológica dos Estudos da Performance.

Dito isso, é importante ressaltar que o termo “performance” se tornou um conceito genérico para definir tanto práticas artísticas que fogem dos moldes tradicionais de se produzir e pensar arte, quanto práticas culturais que excedem o fluxo cotidiano. Taylor (2013) utiliza o conceito de performance como práxis e episteme incorporada, uma vez que a teoria e a prática devem estar alinhadas. Trabalho intelectual e prática política são indissociáveis quando se fala em performance, e Taylor destaca que os debates sobre o caráter efêmero da performance são eminentemente políticos. Para a autora, a performance funciona como um modo de conhecer, e não apenas como um objeto de análise. Desse modo, ao sublinhar a performance como uma epistemologia de práticas incorporadas, a autora nos ajuda a compreender que o conhecimento é, sobretudo, corpóreo. Como ressalta Regina

Muller (2000, p. 17), “a performance é uma teoria incorporada no corpo”. Portanto, faz-se necessário politizar o pensamento através do corpo.

Langdon e Hartman (2020), ao refletirem sobre as encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil, enfatizam que “Tem um corpo nessa alma”, sugerindo pensar pesquisas que lidam com a multissensorialidade, com qualidades poéticas e sensíveis e com a dinâmica do mundo invisível e os seres mais que humanos, através do corpo e com o corpo. O conhecimento aqui produzido é, sobretudo, corporal. Langdon e Hartman (2020) destacam que, nessa linha da antropologia da performance, as pesquisas, em solo brasileiro, têm buscado estabelecer outras formas de produção de conhecimento, mais horizontais, corporais e dialógicas. Os estudos, nessa abordagem teórica e metodológica, são feitos, predominantemente, em coparticipação e, muitas vezes em coautoria com os interlocutores, pelo forte diálogo que estabelecemos com os mesmos. Sendo assim, os produtos de nossas pesquisas são resultados de processos assumidamente coletivos e colaborativos.

Desse modo, durante os encontros para a performance-ritual *UKUSE: bahse merise* tínhamos a constante preocupação para não “teatralizar” esses conhecimentos, ou seja, ninguém iria interpretar ou representar um especialista indígena, por exemplo, para não correr o risco de reproduzir uma *pornografia etnográfica* (Pavis, 2010, p. 144 apud Gonçalves, 2021, p. 14), ao contrário, o desejo era que nós, enquanto artistas, pudéssemos nos entregar “ao desconhecido e/ou relacionar os conhecimentos e visões cosmológicas dos diferentes mundos – do eu e do outro” (Gonçalves, 2021, p. 13), em um processo de retroalimentação.

Ainda nesses encontros, realizamos alguns experimentos na tentativa de “traduzir” cada parte desse triângulo conceitual *kihti-bahsese-bahsamori* que constitui o conjunto das teorias tukano e que, de alguma maneira, também ajudaram a pensar na composição desse roteiro. Esses experimentos e discussão das composições das partituras que foram criadas, eram sempre vistos com muito cuidado, por toda a equipe, para não reproduzir estereótipos e conseguir costurar a composição de cada parte da performance-ritual *UKUSE: bahse merise*.

Alguns desses experimentos foram descartados e outros aproveitados, como o momento do *Dabucuri de frutas* e o momento do *Cuidado com o corpo*. No *dabucuri de frutas*, trouxemos alimentos da região para colocar na roda e ouvir as histórias que tanto Ivan quanto Carla tinham para contar, sobre essa festa e ritual milenar que é celebrada pelos povos que habitam a região do Alto Rio Negro. Nesse processo de comensalidade, cada vez mais íamos ficando próximos uns dos outros. No *cuidado com o corpo*, propusemos que pudéssemos cuidar do corpo uns dos outros, em que, um de cada vez, deitava no chão do *Bahserikowi* e recebia massagens e energização em partes do corpo. Esses foram os dois experimentos especiais que vieram a compor, depois de adaptados ao contexto da proposta, a performance-ritual *UKUSE: bahse merise*.

Outro momento especial que também foi aproveitado, embora não fizesse parte dos experimentos realizados, foi a potência e a *poética da performance oral* (Langdon, 2016) da Carla Wisu, quando ela narra as histórias e os ensinamentos que sua avó

lhe contava e como o *bahsese* sempre fez parte de sua vida. Langdon (2016) chama atenção justamente para o fato de que são as narrativas que transmitem o conhecimento sobre o mundo xamânico.

Nesse roteiro, como dito anteriormente, todos os momentos ritualísticos são conduzidos pelos próprios indígenas, bem como a própria performance-ritual como um todo. Os artistas pesquisadores do Tabihuni também têm suas passagens pela dinâmica ritualística. Destaco um momento em específico que é quando deito no centro do círculo sobre a esteira que está no chão do *Bahserikowi* para receber o *bahsese* por algum dos especialistas, Durvalino Kissibi ou Anacleto Barreto. Dependendo da ocasião, da dinâmica e das pessoas presentes, nesse momento, eu convido alguém do público presente para deitar no meu lugar e receber o *bahsese*. Entendo que, para o público se sentir integrado e parte do corpo ritual, ele precisa ser inserido na performance.

Esse encontro intercultural do *Bahserikowi* e Tabihuni promoveu uma relação simétrica, ética e afetiva, entre indígenas e não indígenas. No início desse projeto e de nossa ida ao Centro de Medicina Indígena, tive dificuldade para compreender as histórias sobre as constelações que compõem as cosmologias dos povos indígenas do Alto Rio Negro. Após muitas repetições dos *kihti-ukūse*, os quais eram narrados inicialmente pelo João Paulo e pelo Ivan Barreto; após a leitura coletiva que realizamos da obra *Omerõ – Constituição e Circulação dos Conhecimentos Yepamahsã (tukano)* (Barreto et al, 2018); após os encontros semanais e as apresentações que realizamos, em que os *kihti-ukūse* eram constantemente acentuadas, agora pelo Ivan Barreto, Anacleto Barreto e o seu Durvalino Kissibi. Somente desse modo consegui compreender de forma mais aprofundada, mesmo que introdutória, sobre as cosmologias *Yepamahsã* e sua importância para a construção de pessoa e noção de corpo desses povos.

É a teoria sobre o corpo de Barreto (2021) que me fará repensar a minha própria noção de corpo enquanto artista. Ouvir cada relato, cada história, cada narrativa, ouvir de novo e ouvir mais uma vez, aos poucos, as coisas foram virando corpo. Tendo em vista que minha relação sempre foi e sempre será com espíritos, um dado que considero muito importante e que me ajudou na compreensão dessas corporalidades cosmológicas foi saber dos conhecimentos que são agenciados pelos *waimahsã* e de suas influências em nossas vidas. Esse exercício de compreensão de diferentes corporalidades exige tempo, maturação, estudo, é o *processo ritual*. Essa experiência de fazer parte desse trabalho junto ao Centro de Medicina Indígena tem sido, de fato, um processo de formação e de consciência da negação da identidade indígena existente em Manaus.

Antes mesmo de iniciar o mestrado, já me interessava por estudos e questões relacionados à perspectiva ameríndia. Em 2018, ao ler *A queda do céu – Palavras de um Xamã Yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), a minha concepção sobre paganismo e minha visão como pagão foram profundamente afetadas. A partir desse momento em diante, começo a refletir sobre a influência do pensamento ameríndio em sendas Pagãs. Passar por esse processo formativo junto ao Centro de

Medicina Indígena tem sido muito importante para repensar o meu papel como Artista, Bruxo, Pagão e Pesquisador.

Cursar a disciplina<sup>4</sup> Intelectuais Indígenas do Alto Rio Negro no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM) também me ajudou a compreender, de forma mais situada, a produção dos conhecimentos indígenas que estão sendo pensados pelos próprios indígenas. Foi nesse curso que tive a oportunidade de estudar com mais afinco sobre o triângulo conceitual *kihti/ukūse - bahsese – bahsamori*, principalmente sobre o tripé do *kihti-ukūse*. Esse estudo mais minucioso, que realizamos na disciplina, sobre os mitos que compõe as cosmologias e cosmogonias dos povos indígenas do Alto Rio Negro foi de suma importância para entender a dinâmica e o aspecto movente das narrativas míticas dos *Yepamahsã*. A constante insistência do professor em trazer para as aulas os nomes dos conceitos em língua indígena, enfatizando a identidade e noção de ancestralidade que essas línguas promulgam, fazendo com que nós, não indígenas, nos familiarizássemos com a escrita e a língua indígena.

Essa disciplina me ajudou na reflexão de todo o processo ritual iniciado no projeto *UKUSE: bahse merise – Diálogos: arte e bahsesé* do Tabihuni e *Bahserikowi*. E essa reflexão se estende ao vínculo afetivo que estabelecemos com Carla Wihsu, Ivan Barreto, João Paulo Barreto, Durvalino Kissibi e Anacleto Barreto, ouvindo mais e mais histórias de seus cotidianos, nessa relação simétrica de estar junto que observamos, criamos e nos afetamos por suas corporalidades rio-negrinas. Esse estudo me ajudou a refletir sobre o contexto amazônico em que estamos inseridos, os espaços sagrados e as paisagens que formam e moldam a diversidade cultural do Amazonas e o quanto que os *waimahsã* dinamizam e se fazem presentes nesses lugares. O quadro com as constelações que está na parede do *Bahserikowi*, que é o calendário não apenas das estações amazônicas, mas o calendário que determina todo ritual cotidiano do mundo indígena. Para cada momento, um ser mais que humano assume o diálogo agenciando o tempo e espaço, como na estação da Jararaca, em que, segundo os especialistas, é necessário tomar os devidos cuidados e realizar o *bahsese* de proteção, pois nessa época, coisas inesperadas podem ocorrer devido a constante circulação das serpentes que acontece nesse período. Esse mesmo quadro, no início, parecia algo distante de mim e eu não conseguia acessar e compreender de fato seus ensinamentos, agora, no entanto, e após o projeto *UKUSE: bahse merise – Diálogos: arte e bahsesé*, alinhado à disciplina Intelectuais Indígenas do Alto Rio Negro, tornou-se mais claro, fazendo muito mais sentido e ressoando no meu corpo de uma outra maneira. Foi por meio dessa disciplina que percebi que estudar sobre os mundos indígenas, sobretudo, dos povos do Alto Rio Negro de forma coletiva e principalmente mediado por alguém que conheça de perto o contexto desse lugar, faz muita diferença e os resultados são bastante produtivos.

No decorrer dessa disciplina, deparei-me com o texto *Bahsamori – o tempo, as estações e as etiquetas sociais dos Yepahmasã (tukano)*, do antropólogo indígena

---

<sup>4</sup> Ministrada pelo professor Dr. Agenor Vasconcelos que é filósofo, antropólogo e músico.

Gabriel Sodré Maia, de 2018. No segundo capítulo, o autor apresenta as dezessete constelações existentes, que são divididas em duas estações: a primeira com seis constelações maiores e a segunda com onze constelações menores divididas em três grupos. A explicação sobre essas constelações e estações, pelas quais os *Yepamahsã* orientam-se no seu cotidiano é bastante vasta. O que gostaria de chamar a atenção aqui é que, de acordo com essa concepção dos *Yepamahsã* no Amazonas, temos outras dinâmicas das mudanças de estações. Não seria mais interessante para nós, pagãos amazônidas, pensarmos nossos ciclos de celebrações das mudanças das estações com base nessa concepção dos *Yepamahsã*, bem como de outros povos indígenas do Alto Rio Negro? A questão segue para influenciar e incentivar futuras pesquisas no que concerne ao Paganismo Contemporâneo, que tenham como base a perspectiva indígena.

Após a finalização da disciplina e do projeto *UKUSE: bahse merise* – Diálogos: arte e *bahsesé*, percebi que se faz necessário estudar cada tripé do triângulo conceitual *kihti/ukūse -bahsese –bahsamori* com acuidade e a devida atenção as sabedorias e ensinamentos que cada tripé desse concede. Esse exercício requer tempo e maturação, pois, nas aulas da disciplina Intelectuais Indígenas do Alto Rio Negro, percebemos o quanto cada eixo desse tripé proporciona grandes jornadas de conhecimentos, o que exigiria um tempo maior de aulas, de conversas e discussões e, somada a minha experiência junto ao Centro de Medicina Indígena, percebi que além desses conhecimentos serem estudados e refletidos também precisam ser vivenciados, em uma troca ética e sensível com os povos que produzem e dinamizam esses conhecimentos.

### **Considerações em processo**

Ter vivenciado esse projeto do Tabihuni e *Bahserikowi* alinhando-se com a disciplina que cursei no segundo semestre de 2022 foi de suma importância para pensar no meu processo de formação enquanto pesquisador amazônida. A negação da identidade indígena existente na cidade de Manaus é fruto de um desconhecimento e da deslegitimação das práticas das medicinas e outros conhecimentos indígenas. Desse modo, o *Bahserikowi*, além de ser uma casa de cura, pode funcionar também como elemento fundamental para pensar os processos formativos que engendram mudanças e transformações nos modos de ser e de pensar a vida em toda a sua plenitude.

Em seus cinco anos de existência, o *Bahserikowi* vem movimentando toda uma rede de relações interétnicas e fomentando a medicina indígena e os conhecimentos relacionados aos povos indígenas do Alto Rio Negro no centro da cidade de Manaus. Os especialistas atendem tanto pessoas indígenas quanto não-indígenas, pois há um grande fluxo de pessoas não-indígenas que passam pelo *Bahserikowi*, seja para receber *bahsese* ou para visitar e conhecer essa casa de cura. A presença de parentes e amigos indígenas no *Bahserikowi* tem sido de suma importância para pensar os elos e conexões estabelecidos entre si. Por meio do *Bahserikowi*, alguns indígenas voltaram a fazer o uso do *bahsese* e outras medicinas tradicionais, é nessa casa de cura que muitos indígenas tem experienciados os conhecimentos de suas próprias

culturas. O *Bahserikowi* assume um papel fundamental na cidade de Manaus, tencionando saberes e concedendo experiências transformadoras e formativas.

Essa experiência é apenas o início de um processo de formação que pretendo desenvolver e trabalhar com mais afinco, seja em projetos, cursos ou pesquisas cujo o cerne seja com e sobre os mundos indígenas. Opero pela lógica do processo ritual e da magia, portanto, todo esse repertório de experiências apresentados neste ensaio virou corpo, desde as histórias que nos eram narradas todas as tardes de sexta-feira até as ações agenciadas pelos *waimahsã*, os acordos precisam ser feitos e eles precisam serem ouvidos.

## Referências

AZEVEDO, D. L. **Forma e conteúdo dobahseseYepamahsã (Tukano)**: fragmentos do espaço Di'ta/Nuhku (terra/floresta). Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, 2016.

BARRETO, João Paulo Lima. AZEVEDO, Dagoberto Lima. MAIA, Gabriel Sodré. SANTOS, Gilton Mendes. DIAS Jr. Carlos Machado. BELO, Ernesto. BARRETO, João Rivelino Rezende. FRANÇA, Lorena. **Omerô**: Constituição e circulação dos conhecimentos Yepamahsã (Tukano). Editora da Universidade Federal do Amazonas. Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), Manaus: EDUA, 2018.

BARRETO, João Paulo Lima. **Wai-Mahsã**: peixes e humanos – Um ensaio de Antropologia Indígena. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

BARRETO, João Paulo Lima. **Kumuã na kahtiroti-ukuse**: uma “teoria” sobre o corpo eo conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. 2021. 190 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021.

BEZERRA, Karina Oliveira. **O Paganismo Contemporâneo no Brasil**: A magia da realidade. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Universidade Católica de Pernambuco. 2019.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. A metodologia Kōkamou na prática da descolonização do saber nas Artes da Cena. In: **Anais da IX Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – Diversidade de saberes – As Artes Cênicas em Diálogo com o Mundo**. V.18, n 1, 2017.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. **O(s) Corpo(s) Kōkamõu**: A performatividade do pajé-hekura Yanomami da Região de Maturacá. Tese (Doutorado em Antropologia), UFAM, 2019.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. Performance-Ritual UHPU: O indígena e o não indígena juntos na cena decolonial. **Revista Moringa**, João Pessoa, V. 12 n. 1, jan/jun, 2021.

LANGDON, Esther Jean. A performance da diversidade: O xamanismo como modo performático. **Revista Giz – Gesto, Imagem e Som**. Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

LANGDON, Esther Jean. HARTMAN. Luciana. **Tem um corpo nessa alma – Encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil**. São Paulo: ANPOCS, 2020.

MAIA, Gabriel Sodré. **Bahsamori**: o tempo, as estações e as etiquetas sociais dos Yepamahsã (Tukano). Manaus: EDUA (Coleção Reflexividades Indígenas), 2018.

SOUZA. Jeferson Bastos. A influência do pensamento ameríndio em sendas pagãs: Um relato de experiências com o universo da bruxaria na cidade de Manaus. **Anais – XI Congresso da ABRACE**, v. 21, Belo Horizonte, 2021.

TSING, Ana. **Viver nas ruínas**: Paisagens Multiespécies no Antropoceno. Ed. Mil folhas, DF, 2019.